



**CORTIÇA EM MARROCOS. A EXCURSÃO FLORESTAL DE  
OCTAVIO ELORRIETA EM 1933**

Ignacio García Pereda\*

\* Euronatura (Lisboa)

Contacto: [ignacio.pereda@euroanatura.pt](mailto:ignacio.pereda@euroanatura.pt)

## Resumo

Este artigo recorre à informação contida em revistas florestais bem como em diversos arquivos de Espanha, a fim de conseguir uma aproximação ao trabalho realizado pelos silvicultores espanhóis e franceses em Marrocos, durante a década de 1930. Dentro dos esforços colonizadores do governo hispânico, os engenheiros espanhóis, incluindo os florestais, realizaram um trabalho essencial. As actividades dos serviços florestais do protectorado incluíam entre outras tarefas, a cartografia, o ordenamento florestal, o estudo da botânica e da taxonomia. Uma visita do silvicultor Octavio Elorrieta, da qual existe uma crónica na revista *Montes e Industrias*, permite-nos fazer uma descrição dos trabalhos suberícolas nos montados marroquinos.

**Palavras-chave:** Octavio Elorrieta, engenheiros silvicultores, Marrocos, montado, cortiça.

## Resumen

Este artículo utiliza la información contenida en revistas forestales y en varios archivos españoles para realizar una aproximación al trabajo realizado por los ingenieros de montes españoles y franceses en Marruecos, durante la década de 1950. En los esfuerzos colonizadores del gobierno hispano los ingenieros españoles, incluidos los forestales, realizaron un trabajo esencial. Las actividades de los servicios forestales del protectorado se enfrentaban con trabajos de cartografía, ordenación forestal, botánica taxonómica y un grupo de temas relacionados. Una visita del ingeniero de montes Octavio Elorrieta, de la que existe una crónica en la revista *Montes e Industrias*, nos permite hacer una descripción de los trabajos forestales en los alcornocales marroquíes.

**Palabras clave:** Octavio Elorrieta, ingenieros de montes, Marruecos, alcornocales, corcho.

## Abstract:

This work uses information available in forest reviews and some Spanish Archives to describe the works made by the Spanish and French forest engineers, in Morocco, in the 1930s. In the colonizing efforts of the Spanish government the foresters provided an essential expertise. The forestry activities deal with cartography, forest management, taxonomic and economic botany and a host of related matters. A visit of the forester Elorrieta, who wrote a chronicle of the trip in the review *Montes e Industrias*, let us to make a description of the forest works in the cork-oak forests of Morocco.

**Key Words:** Octavio Elorrieta, foresters, Morocco, Cork-oak forests, cork.

**JEL Codes:** A22, N57, O13, O14, Q23

## 1. Introdução

Em Marrocos, na antiga zona do protectorado espanhol, a *Dasonomía o Ciencia de Montes* (ciência florestal) surgia em 1914 quando os engenheiros ocupavam os primeiros postos de funcionários coloniais do novo serviço florestal. Serviço este que se manteria em actividade até 1956, quando os funcionários se vêm obrigados a deixar os seus trabalhos e residências no norte de África. De entre as várias funções atribuídas a estes engenheiros, incluía-se a criação e manutenção de um novo negócio corticeiro; a gestão dos montados públicos e a vigilância e fomento de um emergente sector industrial. A partir das fábricas das cidades de Tetuán ou Larache, puderam aplicar no novo território colonial os conhecimentos suberícolas sobre os vários montados que tinham sobrevivido até à sua chegada.

O objectivo principal deste estudo é aportar conhecimentos sobre os trabalhos realizados pelos silvicultores em Marrocos, tanto na zona espanhola como na francesa. Com a excepção de uma tese de doutoramento defendida recentemente (Garrido, 2011), não se sabe muito sobre a acção destes técnicos no protectorado marroquino (Puyo, 2014), e menos ainda para a zona espanhola. No caso espanhol, o que até ao momento se conhece com algum detalhe restringe-se à historia das primeiras explorações que empresas públicas, como a Renfe (caminhos de ferro do estado), chegaram a realizar naquele território (Araque, 2009)

Para abordar estes trabalhos florestais em África, este estudo apoiar-se-há num exemplo particular da literatura de viagens, na qual Marrocos teve uma grande importância, sobretudo aquela desenvolvida por escritores espanhóis. Em alguns casos, Marrocos era uma das etapas na viagem à Andaluzia, terra prometida para muitos dos viajantes do romantismo (López Ontiveros, 2008, 320; Recio, 2006). Dos viajantes que tinham Marrocos como destino principal, a princípios do século XIX, sobressai com especial interesse o espanhol Domingo Badía y Leblich, mais conhecido pelo seu nome árabe Alí Bey (Bey, 1814). Mais tarde entre as diferentes manifestações oitocentistas da tradição de viagens há que destacar o “boom bibliográfico” sobre Marrocos, de 1859 a 1861, quando se produz uma torrente de testemunhos, crónicas, histórias, biografias relacionadas com Marrocos e com a guerra de África, que se reveste particular interesse para o historiador e também para o estudo do temas florestais, como adiante se verá. Destaque para a obra de Pedro Antonio de Alarcón "Recuerdos de un viaje a Marruecos", de 1859.<sup>1</sup>

Antes de abordar as fontes utilizadas, convém mencionar a importância científica e económica da silvicultura na política colonial espanhola, desde pelo menos a partir da criação do “Cuerpo de Montes” na década de 1850, integrada nas reformas políticas e económicas empreendidas essencialmente no reinado de Isabel II. Com a criação deste corpo técnico, pretendia-se revitalizar a política florestal nacional e económica, para a qual as missões e investigações científicas florestais desempenharam um papel muito importante. As florestas do império que eram administradas de forma eficiente, proporcionavam receitas que permitiam a Espanha competir com outras nações. No caso espanhol, a ciência florestal funcionou a um nível internacional ligada a redes

---

<sup>1</sup> Alarcón tinha uma relação estreita com vários engenheiros silvicultores. Em 1875 acompanhou Francisco García Martino numa visita aos pinhais e à resineira da Duquesa de Medinaceli, nas Navas del Marqués (Ávila) (Santos, 1875). Quando faleceu Agustín Pascual (1818-1884), foi encarregado pela Real Academia de la Lengua de escrever a sua necrologia, dado que os dois eram membros desta Academia.

científicas e administrativas. Os serviços florestais foram empresas massivas que se estenderam por muitos anos, implicando não só a deslocação de muitas pessoas, como também a participação de todo o aparelho administrativo imperial, levando à participação de funcionários, industriais e muitos habitantes nas diversas zonas coloniais.

Os historiadores James McClellan e François Regourd propuseram o conceito de “máquina colonial” (colonial machine) para descrever as práticas científicas patrocinadas por França durante um determinado período, terminologia que reflecte a complexidade do tipo de sistema que, sugerimos, ter estado também em funcionamento nas colónias hispânicas (McClellan & Regourd, 2000). Contou com a participação de governadores coloniais, assessores e pensadores políticos, e fortaleceu-se com instituições como o Instituto Florestal de investigações e Experiências (IFIE) de Madrid, um conjunto de viveiros florestais no protectorado, assim como também outras instituições afins, em diferentes zonas coloniais, como por exemplo o Marrocos francês. Dai que podemos afirmar que Espanha e o protectorado participaram muito activamente no mundo da ciência florestal que se estendia por uma vasta rede de instituições.

Não abordaremos que metodologia se deverá seguir, dado que se trata de uma primeira aproximação a esta temática, essencialmente a partir de uma forte revisão de fontes e bibliografia. Os anos de trabalho dos engenheiros espanhóis para o protectorado marroquino estão sobretudo reflectidos na documentação existente no Arquivo da Administração de Alcalá de Henerares. Tendo sido também consultados outros arquivos secundários e várias revistas, algumas já disponíveis em versão digital. São o caso das revistas *Montes e Industrias*, *España Florestal*, *Montes*, *Revista Corchera o África*.<sup>2</sup>

## **2. Um primeiro antecedente em Marrocos: os engenheiros silvicultores Laguna e Satorras na Serra Bullones (1860)**

Ao longo do século XIX, assiste-se a um processo de construção de uma imagem sobre o passado mediterrânico, na qual a hegemonia de França determina uma relação de subordinação e interesse. Ainda que o intervencionismo espanhol no Magreb assente em acções e intenções anteriores, é com a chamada Guerra de África (1859-1960) que se inicia uma serie de intervenções militares e administrativas no território do norte de África que se tornarão frequentes no século seguinte (Cañete, 2011,150). É clara a vontade de afirmar a presença no outro lado do estreito de Gibraltar. São os anos em que Cánovas del Castillo fixará a fronteira natural espanhola no Atlas (Pedraz, 1994)

Dois dos primeiros engenheiros formados na “Escuela de montes” de Villaciosa de Ódon, Máximo Laguna e Luis Satorras (González & Gomis, 2005, 81), foram encarregados de estudar o valor florestal da Serra de Bullones, próxima de Ceuta, território que acabava de ser conquistado em 1860. A viagem de Laguna a Marrocos, havia sido procedida meses antes por uma outra, realizada por um naturalista: Fernando Amor (López Ontiveros, 2008. Perejón, 2012). Laguna e Satorras publicariam os resultados da sua missão, concluindo que o governo deveria encarregar-se de conservar e bem gerir os montados da serra de Bullones.

---

<sup>2</sup> Um agradecimento especial a José Francisco Rangel Preciado, bolseiro Leonardo da Euronatura, pela leitura deste trabalho. A tradução foi feita por Armando Quintas, bolseiro Leonardo do Museu da Cortiça de Palafrugell.

Os relatórios por eles elaborados tiveram influência directa sobre os textos legais que deveriam orientar esta massa florestal. Uma Real Ordem de 27 de Dezembro de 1860, estipulava que a responsabilidade sobre os recursos florestais de Bullones ficaria a cargo do silvicultor da província de Cadiz, contando com supervisão do comandante geral de Ceuta. Um relatório da *Junta Facultativa de Montes*, assinado por Agustín Pascual, indicava uma periodicidade baixa, de 4 anos, para a exploração das lenhas desse montado.

As formas de pensamento Krausistas (representadas entre outros por Joaquín Costa) tiveram um papel fundamental no desenvolvimento de uma política florestal colonial, um pensamento civilizador que procurava alcançar o progresso do território norte africano. Segundo Laguna *“hoy ya no se conquista para destruir, sino para mejorar. Sí, de hoy más, las conquistas de los pueblos civilizados han de ser como las grandes tempestades de los trópicos; hiere el reyo los viejos troncos, y descuájalos violento el huracán; más la benéfica lluvia que a ambos sigue, hace brotar mil nuevos gérmenes entre los despojos mismos del árbol destruido* (Laguna & Satorras, 1861, 34).” A intervenção em África seria assim uma escapatória razoável do fracasso imperial na América e a presença em Marrocos, vista como uma oportunidade de afirmação da nação no panorama Europeu. (Cañete, 2011, 153.)

Laguna e Satorras, nas recomendações presentes nos seus relatórios, aconselham seguir um método já comentado pelo silvicultor Jordana, através de um aproveitamento regular e metódico, onde se poderia descortçar anualmente 13.000 sobreiros. Como as árvores só tinham cortiça virgem nesse momento, haveria que decidir quem poderiam ser os primeiros compradores, apontando os engenheiros, os moinhos de arroz da região de Valência, *“donde les sirven para revestir las piedras, que así desnudan el grano sin partirlo* (Laguna, 1861, 34).” Está presente a lição argelina, com os seus 300.000 hectares de sobreiros calculados por Ernest Lambert, autor também citado por Miguel Bosch nos seus relatórios sobre as exposições universais.

### **3. Um silvicultor proeminente: Octavio Elorrieta (1881-1962)**

O técnico que escreveu a crónica da sua viagem a Marrocos em 1933 não era um engenheiro qualquer (Iriarte, 2009). Octavio Elorrieta y Artaza nasceu em Bermeo (Viscaya) em 1881, sendo aparentado com outro ilustre engenheiro de bosques: Lucas Olazábal.<sup>3</sup> Em 1899 Elorrieta iniciou os seus estudos na Escola Especial de Engenheiros Silvicultores do Escorial, onde se formou em 1904 e ali começou a trabalhar como professor em 1908, leccionando a cadeira de "Valoración, ordenación de montes y xilometría."

A escola vivia por esses anos um movimento de melhoria e rejuvenescimento, que se repercutiu mais tarde em Madrid, traduzindo-se num período de actividade e de conferências sobre o ensino que tiveram lugar no Instituto de Engenheiros Civis,<sup>4</sup> e que

---

<sup>3</sup> Para o seu artigo Iriarte consultou o seu expediente pessoal, depositado no Arquivo General de la Administración (AGA 11.1.013, 61/5942)

<sup>4</sup> Na liderança deste movimento estava Pérez-Urruti, que em 1916 profere nesse Instituto uma conferência sobre "Dinero para Repoblaciones Forestales." Este silvicultor foi deputado em 1919 e em 1923.

culminaram na organização e celebração do Congresso de Engenharia. Um dos directores da escola, Álvarez Arenas, apostou pela renovação do professorado com gente nova que fosse ao estrangeiro (Elorrieta, 1933b). “*Eran los tiempos de la evolución en la Escuela; en ésta, se habían hecho importantes reformas para mejora de la enseñanza, instalándose importantes salas de experiencias para ejercicios prácticos que completasen los conocimientos teóricos. Casino nuevo, el alumno se aseaba más que antes. Ya no eran sólo los que iban a Madrid de sábado a lunes los que lucían cuello y corbata. La asistencia a los bailes que con frecuencia se celebraban en el Casino y el afán de no desmerecer antes las bellas concurrentes hizo el milagro. Etapa de conferencias, inquietud espiritual y aquilatamiento de la frase* (Elorrieta, 1934).”

Foi uma época de ruptura geracional. A juventude afastava-se dos valores oitocentistas nas suas leituras, vestuário ou relações sociais, entrando por isso em constante conflito com a geração anterior. “*Tenía, naturalmente, que cambiar el espíritu de la enseñanza de la Escuela, hasta entonces enquistada en moldes viejos, rutinarios, de enseñanza memorística, disciplina a lo militar y, en suma, con los vicios y defectos pedagógicos de aquella época* (Elorrieta, 1933).” Relembrando métodos militares, o uso de uniforme tinha sido obrigatório no terceiro quartel do século XIX quando a escola estava em Villaviciosa de Odón. Havendo engenheiros que consideravam que esse costume deveria ser recuperado.<sup>5</sup>

Quando a escola foi transferida para de Villaviciosa ao Escorial em 1871, foi cedida uma parte da mata de La Herrería e as quintas de La Solana e El Romeral. Contudo, a restauração da monarquia privou a escola destas parcelas e o ministério do fomento apenas apenas disponibilizou a este centro de ensino uns baldios. A paisagem que rodeava a povoação foi transformada pouco a pouco pelos professores e alunos: “*Gran parte de estas ásperas sierras se cubrieron de pinos en aquellos años, se llenaron de caminos para facilitar tal repoblación, caminos por los que nosotros conquistamos aquellos montes en nuestra primera juventud y formamos ese fondo verde de pinos nuevos que fue una de las primera repoblaciones en masa que se hicieron en el centro de España y esta repoblación se debió a la presencia de los Ingenieros de Montes en aquel recinto tan forestal* (Ceballos, 1964).” Por esse recinto passaram 43 turmas e 300 engenheiros (Torner, 1926). Entre 1912 e 1913 confirma-se a presença de alunos estrangeiros como Ramón Enzo, o primeiro chileno com estudos especificamente florestais (Casals, 1999).

Quando terminava a formação, tinha-se por diante “*cuarenta o cincuenta años con las ilusiones que despierta y aviva el entusiasmo por una causa bienhechora para todos los hombres y solamente llena de amarguras para los que la defienden [...] El forestal forja su espiritualidad con los anhelos de un apostolado; su ciencia se nutre con las lecciones que le ofrece la contemplación de la Naturaleza, y por eso sueña tanto como discurre. Quien no se conmueve ante los bellos panoramas de las agrestes sierras arboladas y no se indigne ante las tierras yermas, infecundas, muertas, no es forestal*

---

<sup>5</sup> “Recordo-me que, quando estudei em Villaviciosa, professores e alunos, iam sempre de uniforme para a sala de aula. O ministro aceitou a minha ideia. Como era natural, não faltaram protestos e contrariedades, mas depois de muito batalhar, tive a satisfação de ver a “escola de uniforme”, com isso e com as obras de reparação e limpeza que se tinham empreendido desde o início, acreditei ter dado o primeiro passo para a sua regeneração (Castellarnau, 1938).”

(González, 1929).” Surge então uma primeiro experimentalismo espanhol; “*en el edificio de la Escuela existe una sequería que funciona por el calor artificial y, adosado a él, un arboreto donde se cultivan muchas especies leñosas, y un laboratorio de experiencias forestales, en el que se practican ensayos de germinación y otros diversos.* (Muñoz, 1910).” Elorrieta aportou mudanças, com a sua entrada para o círculo dos professores. Até 1922 explicou as suas matérias com uma nova orientação, atento às últimas correntes europeias: “*apareció entonces el gran libro de Huffel,<sup>6</sup> y ello facilitó mucho mi labor. La traducción de Judeich, hecha por Herbella, y la aparición en años sucesivos de las obras de Estática y Política forestal, de Martín, Max-Enders, las de Ordenación, de Wagner, el método de control suizo y, sobre todo, su discusión en Alemania, la teoría otra vez en boga, del Dauerwald o bosque permanente, y la Valoración de Serpieri, fueron estudios definitivos que encauzaban las ideas dasocráticas en aquellos tiempos* (Elorrieta, 1933).” Da sua passagem pela escola restam os testemunhos escritos: umas “Lições de Dasometria”, editadas pela mesma escola em 1922, e o primeiro tomo de “Princípios de economia florestal espanhola” de 1920. Ambas obras continuaram como livros de estudo depois da saída de Elorrieta, que em Novembro de 1922 deixa o cargo de professor ao ser nomeado director do Instituto Central de Experiências Técnico Florestais, alcançando assim a experimentação uma maior autonomia com respeito ao ensino (Elorrieta, 1932).

O ensino e a profissão não deixaram de preservar alguns costumes. Desde a abertura da primeira escola em 1848, que as excursões florestais eram consideradas imprescindíveis para a aprendizagem. Em 1913, por exemplo, os professores Fernando Baró e Elorrieta levaram alunos aos montados de Cádiz. O grupo deslocava-se em comboio, visitando todo o tipo de coisas, desde a Alhambra de Granada (explicada por um professor de construções), até uma casa florestal, “*amplia, con todas las comodidades necesarias, hasta luz eléctrica, y los alumnos conciben perfectamente que allí pase el Ingeniero nueve o diez meses del año en contacto continuo con el monte.*” (Baró, 1913). Visitavam uns hectares “*dedicadas también al eucalipto, especie de indudable porvenir en Andalucía y de que los particulares empiezan a efectuar grandes plantaciones, en especial de resinífera y rostrata cuya madera reúne, al parecer, inmejorables cualidades para traviesas y otros usos.*” A visita aos montados foi acompanhada por Eladio Caro, do distrito Florestal de Málaga, com quem conversam de “*descepes, selección de brotes, limpias, claras y podas, apertura de suelos y otras, mediante las cuales, al cabo de diez años, el número de alcornoques en producción se ha duplicado, mejorándose además, de un modo notabilísimo, la calidad del producto, y aumentando también la producción de las ramas.*” As excursões não se circunscreviam apenas ao território nacional. Baró também acompanhou algumas excursões pela Europa (Baró, 1913b), como a visita aos trabalhos de correcção torrencial de algumas bacias do Oberland Bernois, na Suíça.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> Gustave Huffel (1859-1935), professor de economia florestal em Nancy. Era citado em Espanha o seu livro de 1910.

<sup>7</sup> Fernando Baró começara na escola como professor de Geometria Descritiva, em 1905. Com o seu trabalho sobre Torrentes, foi pioneiro na introdução de noções de Conservação do Solo e Edafologia. No I Congresso Internacional de Silvicultura (Roma, 1926), apresentou o primeiro mapa, sensu stricto, de solos da península Ibérica, a cores e numa escala aproximada de 1:5.000.000, precedida de um mapa termo-pluviométrico na mesma escala.

Elorrieta passou a coordenar o Instituto Central de Experiências Técnico Florestais, criado em 1907, nas instalações da escola. Foi durante a ditadura de Primo de Rivera (1923-1930), que um ministro de fomento (o conde de Guadalhorce) criou uma Direcção Geral das Florestas, Caça e Pesca, sendo Elorrieta o primeiro a dirigir-la. Um dos seus grandes sucessos foi a conversão do Instituto Técnico no IFIE, independente de toda a investigação agronómica. Permaneceu neste cargo até 1930, regressando à direcção do IFIE onde permaneceu por vários meses, criando então a revista *Montes e Industria*.

O IFIE foi um lugar adequado para introduzir novas ciências e orientações nos estudos florestais, sistematizados “com depuração científica constante”, tendo a questão do repovoamento florestal como primeiro tema de investigação. O laboratório principal tinha sede em Moncloa, contando com um orçamento anual de um milhão de pesetas em 1932 (Elorrieta, 1932). Quando Elorrieta cursava os seus estudos “*la Selvicultura y la Botánica, no se ocupaban de Fitosociología, ni de Ecología, ni se conocía esa palabra tan fea de Pedología, ni la Edafología. Dábamos alguna noción de Geografía botánica, limitada a las pocas páginas de Van Thiegem.*” O engenheiro basco fez o possível para dotar o instituto com alguns dos cientistas espanhóis que estavam dando grandes passos nestas novas disciplinas. No novo instituto, mais que na velha escola, era possível “*el placer de hacerse en ocasiones un poco más científico y un poco menos Ingeniero, de saborear nuevos conocimientos y explorar en lugares nuevos, a los que sólo se llega como tal Ingeniero, con el tiempo tasado y la vista puesta en el balance mercantil que hará posible o no un trabajo.*” Um dos inovadores investigadores do IFIE foi Emilio Huguet del Villar (1871-1951),<sup>8</sup> que não era engenheiro silvicultor, mas sim quem introduziu em Espanha os estudos de Edafología. Esta nova ciência só haveria de desenvolver-se na Europa com o Congresso Internacional de Roma em 1924, quando foi criada a Sociedade Internacional da Ciência do Solo. Nela apareceu uma sub-comissão de Solos mediterrâneos, onde Huguet ocupou o cargo de vice-presidente. Os seus livros “Geobotânica” e “Los suelos mediterrâneos”, foram acolhidos com grande interesse no mundo científico, dentro e fora de Espanha.

Como ciências novas, também chegara ao ministério, graças ao IFIE, a Geobotânica e a Fito-sociologia, que se repercutiam na economia e na técnica florestal. Com o novo instituto foi traduzida a obra “La Teoria dos tipos de floresta,” de A.K. Cajander, ampliada por Elorrieta. Depois dos humildes trabalhos experimentais que se tinham iniciado na escola florestal, por fim o país contava com uma instituição, com orçamentos mais sólidos, encarregada de executar uma ciência florestal original, desenvolvida por técnicos espanhóis em âmbitos locais. O IFIE tinha em conta não só novas abordagens como também novos territórios, trabalhando também na questão colonial.

Outra direcção geral criada por Primo de Rivera foi a de Marrocos e Colónias, que em Março de 1926 proibiu o sistema de abate indígena, tentando fomentar uma exploração florestal racional na Guiné. Decidiu-se que o sector florestal desta zona colonial passasse ao domínio de companhias nacionais, ditando medidas como a proibição do abate de árvores com menos de 70 cm de diâmetro. Contactou-se Elorrieta para ser enviado um silvicultor afim de reconhecer a situação da colónia. Este nomeou Fernando Nájera, um jovem engenheiro do IFIE encarregado dos estudos de madeiras, que em

---

<sup>8</sup> Huguet faleceu em Marrocos, na pobreza, em 1951 (Martí, 1982)



1928 passou quatro meses nos trópicos (Nájera, 1930). Em 1934, Nájera organizou os primeiros serviços florestais da Guiné, dirigidos na sua primeira fase (1935-1945) pelo engenheiro silvicultor Pedro Fuster.

#### **4. O serviço florestal do protectorado espanhol de Marrocos antes de 1933**

O tratado de Fez (assinado em Março de 1912) converteu Marrocos num protectorado de França. Pelo mesmo acordo, os territórios do norte (em torno das cidades de Ceuta e Melilla) converteram-se no protectorado espanhol de Marrocos. França e Espanha, passaram a controlar a fazenda, o exército e a política exterior de Marrocos nos seus respectivos protectorados. Em teoria estes não supunham ocupação colonial; Marrocos era um estado autónomo protegido por França e Espanha mas sob soberania do sultão.

Já antes de 1912 tinha surgido o interesse pela riqueza florestal e botânica do novo território adquirido (González et al, 1997). Em 1913 os industriais corticeiros Joan Miquel e Heinrich Voncke enviam um representante catalão, Miquel Grassot, para estudar as montanhas do Rif e os seus montados (Sala, 2003, 60). Em 1917, Ballabriga y Villader elabora um pequeno inventário das manchas florestais de montado mais consideráveis, referindo a necessidade dos técnicos espanhóis tomarem das mãos locais o controlo da riqueza florestal, dado que para o “mouro” o sobreiro não tinha “qualquer valor”, chegando a sua *“indolencia al extremo de que los árboles de gran desarrollo, para evitarse la molestia de cortarlos, los queman en algunas ocasiones por su base, y ya en tierra, solo cortan los brazos poco desarrollados.”* Os montados, de qualquer forma, eram essenciais para a actividade económica de algumas comarcas antes da chegada dos espanhóis (Fig. 1). A produção de couros contava com séculos de antiguidade e a necessidade de produzir estas peças artesanais havia provocado em algumas zonas um consumo excessivo de crostas vegetais (Mas, 1933). O aproveitamento da “casca curtente” havia destruído alguns dos melhores sobreiros de zonas europeias como a Sardenha ou Cádiz (Robles, 1961, 395), onde se cortaram 25.000 hectares em 20 anos (Vázquez, 1935, 12). De uma forma pontual, a primeira cortiça de uma árvore, era em Marrocos e Argélia, tradicionalmente aproveitada como material para construir colmeias. O esparto, mais comum em zonas secas do Este de Marrocos, tinha-se transformado na segunda metade do século XIX numa mercadoria de elevado valor, que alimentava fábricas de pasta de papel na Espanha ou na Escócia. Jornalistas e técnicos espanhóis consideravam que os recursos florestais deveriam ficar em posse da administração colonial, que já contava com uma técnica florestal de base científica.

Ainda que a pacificação da colónia somente se tivesse alcançado em 1927, os trabalhos florestais arrancaram a partir de 1914, um ano depois da criação de um Serviço de Agricultura, dentro da Delegação de Fomento dos Interesses Materiais (Gonzálvez, 1994), quando Alfonso Arias Chacel é nomeado engenheiro do serviço florestal.<sup>9</sup> As impressões de Arias nos seus primeiros meses devem ter sido parecidas às que Vázquez del Río descreveu em 1935: *“estudiar nuestra zona en su aspecto forestal equivale, salvo raras excepciones, a estudiar la faja española desde Cádiz a Almería. Clima, régimen de lluvias, altitudes y vegetación se van correspondiendo paso a paso. Las dunas y marismas de Larache y Arcila tienen sus gemelas desde Cádiz a Tarifa; el*

---

<sup>9</sup> RO 20.8.1914, *Boletim oficial da zona de influencia espanhola em Marrocos (BOZIEM)*.

macizo rondeño y sus alcornocales de Gaucín y Cortes se reproducen en Sumata y Beni Arós; las calizas de Ronda y del Magot se miran frente a frente, con análogas altitudes y coronadas ambas de la misma rarísima especie, el pinsapo [...] Queda únicamente el cedro; el cedro que es seguramente un regalo del Atlas a la cordillera rifeña [...] el Norte de África fue Sur de España en otras edades de la tierra (Vázquez, 1935, 5).”

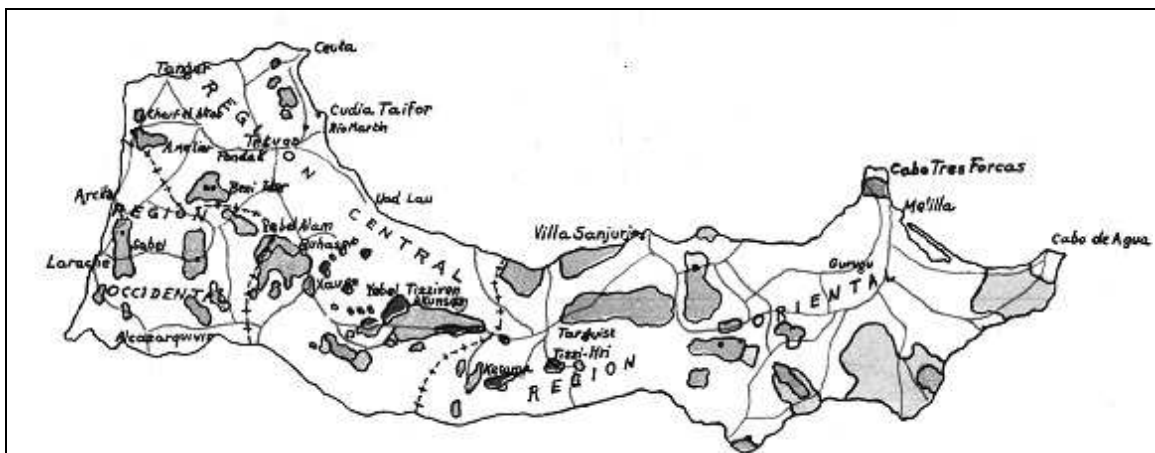


Figura 1. Mapa da distribuição da riqueza florestal no Marrocos espanhol (González, 1945, 20). As manchas indicam as zonas florestais mais importante desta colónia.

Fazem-se os primeiros reconhecimentos, constatando que as massas de sobreiros estão muito pouco cuidadas. Milhares de hectares encontram-se cobertos por um repovoamento de sobreiros maltratados pelos incêndios, pelo dente do gado e pelo aproveitamento abusivo. “A árvore assim tratada, defende-se multiplicando a sua ramagem, achaparando-se e formando o que se chama em Andaluzia um carrascón (Boudy, 1949, 286).” Na Gaba de Larache,<sup>10</sup> tenta-se uma técnica florestal já ensaiada na zona francesa para rejuvenescer a massa florestal. Tratava-se de fazer roçadas para clareiras ou roçadas entre duas terrenos, ao que parece, permitia que “en 3 o 4 años la altura de los nuevos brotes pasa de los 2 metros, no siendo de temer el daño del ganado [...] duplicaremos nuestros bosques de alcornoques en un plazo de pocos años. El ejemplo de la Gaba de Larache que aclarada en 1918 pudo desbornizarse a los 10 años, en 1928, no puede ser más concluyente” (Vázquez, 1935). Um sistema aparentemente eficaz, mas também descrito como brutal (Puyo, 2014).

O investimento na questão florestal do protectorado começou de forma lenta. A revista *España Florestal* queixa-se em 1923 que dentro do orçamento de Obras Públicas da colónia, a parte destinada às florestas era irrisória, duzentas mil pesetas com a finalidade de embelezar as ruas de Tetuán.<sup>11</sup> Um dos aspectos que foi desenvolvido com mais acuidade, dentro das escassas possibilidades desta primeira fase, foi a instalação de viveiros florestais. Viveiros que, normalmente estavam desenhados para apoiar os projectos de plantação nas dunas litorais. Os de Larache iniciaram-se em 1916, os do rio Martín em 1918 e os de Segangán em 1926. Qualquer um dos três estava preparado para

<sup>10</sup> Boziem, decreto visirial autorizando o leilão da cortiça da Gaba de Larache 4.11.1916; 7.5.1917. O Boletim oficial da zona de influência espanhola em Marrocos dá detalhes do primeiro aproveitamento de cortiça de Larache. Um decreto visirial autoriza o leilão do desta cortiça em Novembro de 1916 e em Maio de 1917 publicam-se os editais com as condições do leilão; realizando-se um duplo leilão no escritório de bosques de Larache e na Delegação de Fomento de Tetuán.

<sup>11</sup> *España Florestal*, 12/1923, n. 92, p. 128.

produzir uma média de um milhão de plantações por ano. As espécies eleitas seriam aquelas que suportassem o vento de levante, a sal do mar e a areia. Em Larache escolheu-se sobretudo o pinheiro manso; em Taxdirt (duna de 1.500 hectares) o eucalipto ou pinho carrasco,<sup>12</sup> 5.000 pinheiros foram recebidos desde Espanha pelo engenheiro Bernardo Cano em 1927.<sup>13</sup> Em Segangán segundo o diário *ABC*, foram recebidos em 1927 10.000 eucaliptos.<sup>14</sup> Mas foi o viveiro de Larache, o que causava mais admiração aos visitantes. Elorrieta na sua viagem de 1933 considerava-o esplêndido com crescimentos que nada tinham de inferior aos viveiros da costa Cantábria. Segundo este engenheiro, o que se tinha realizado nas dunas não eram plantações, mas sim florestas “un magnífico ejemplo de lo que allí inicia y debe hacerse (Elorrieta, 1933).” O professor de silvicultura de Madrid, Ezequiel González Vázquez, em 1945, também destacava os viveiros, que já contavam com 33 hectares em Larache, e os trabalhos das dunas, que tinham salvado definitivamente as ruas de Melilla das “areias voadoras.” (González, 1945, 39)

De qualquer forma, o conflito bélico marroquino fazia com que as condições de trabalho fossem muito complicadas. Depois de 1912, foram precisos 15 anos de guerra para submeter o conjunto de tribos berberes à autoridade do sultão, agora defendida pelo protectorado. O episódio da Guerra do Rif nos anos 20 exigiu a presença de 800.000 homens da armada francesa e espanhola, entre eles alguns silvicultores como Luis Ceballos. As rendições de Maio de 1926 marcam o fim de uma época. A resistência das ultimas tribos é residual até 1934 (Vermeren, 2010, 6). Bernardo Cano, em Junho de 1927, não estando ainda dominada a região, só pôde visitar a floresta de cedros de Iguermalet, quando acompanhado por um coronel e uma coluna militar.<sup>15</sup> Luis Ceballos, quando visita os bosques de abetos próximos de Chauen em Maio de 1928 como botânico do IFIE, não deixa de se fazer acompanhar por escoltas proporcionadas pelo comandante da intervenção militar (Ceballos, 1928).

Na década de 1930 continuaram os leilões, se bem que fossem sentidos com intensidade os efeitos da crise internacional (García-Pereda, 2009, 26). Até esse ano, a Gaba de Larache continuava sendo o único montado onde se tinha leiloado a cortiça, mas então são iniciados os projectos para exploração de outros montados, tendo sido vários deles percorridos pelo engenheiro Salvador Robles Trueba (1897-1972),<sup>16</sup> contratado pelo representante de Manuel Falcó, Duque de Fernán Núñez, para fazer os primeiros estudos e planos de exploração.<sup>17</sup> A cortiça de matas como a de Akunsan foi colocada em leilão por um decénio, em 1931.<sup>18</sup> Em Janeiro de 1931 a Direcção de Colonização

---

<sup>12</sup> *África*, 6/1930, p. 29.

<sup>13</sup> *ABC*, 4/3/1927.

<sup>14</sup> *ABC*, 24/11/1926.

<sup>15</sup> *España Forestal*, 6/1927, n.º 134, p. 6; *ABC*, 3/5/1927.

<sup>16</sup> AGA, 15(14) 64/722

<sup>17</sup> *África*, 6/1930, p.29.

<sup>18</sup> Akunsan, Faldas de Tiziren, Yebel Berret y Taziat, na la cabilia de Beni Haleb (Sección primera). Madrid, 28 de abril de 1931, *Montes e industrias*. 4/1931, n. 6, p. 25

aprova o diploma geral de condições facultativas para a exploração do montado. Desde 1929, que tinham mostrado interesse pelos montados em Marrocos, capitais espanhóis representando grandes proprietários florestais como Falcó ou industriais corticeiros catalães como Luis Llansó. Este último, escreve em Junho de 1929 uma carta ao Alto Comissário comentando a sua viagem de três semanas pelas massas florestais das regiões de Gomara e do Rif, cobrindo uns 50.000 hectares, não deixando de tecer palavras de elogio à gestão dos administradores coloniais “*Testigo de la labor de Francia, Inglaterra, Alemania, Holanda, Japón y Estados Unidos, mi visita a esta zona ha sido una revelación, pues en ninguna he visto, en todos los órdenes, mayor y mejor esfuerzo en menor tiempo.*”<sup>19</sup> Llansó mexe bem “os cordéis” e através de uma sociedade denominada “Produtos del Corcho” (presidida por José Joan Cruñas), acaba por conseguir uma autorização para verificar estudos em Dezembro de 1929 (Pérez-Urruti, 1930, 3), e um leilão de concessões na zona de Akunsan, em Janeiro de 1931. Em Setembro de 1930 catorze concessões somavam 70.000 hectares ao valor de 5.000 pesetas cada um.

No entanto logo de seguida, Llansó encontra problemas junto da população rural. A questão residia na propriedade das matas, as quais na sua grande maioria haviam passado oficialmente à mão do Majzen desde 1912. A termo Majzen de uso corrente, designava simultaneamente tanto o grupo de indivíduos que acompanhavam o sultão como ao conjunto de funções que se lhes tinha sido atribuídas (Michel, 1997: 539); mas que o poder central poderia equiparar ao património da Coroa, que em Espanha tinha controlado um património importante até ao final do reinado de Isabel II. O povo marroquino era antes súbdito do sultão que protegido de Espanha ou França (Rivet, 2002, 211).<sup>20</sup>

No caso que estudamos, tinham sido entregues terrenos sem terem sido resolvidas estas situações, mas o gerente da sociedade consegue do AC em Setembro de 1933 indicação para que não sejam suspensos os trabalhos.<sup>21</sup> Em Maio de 1934, nem o silvicultor da zona nem o interveniente da Kabila se queriam responsabilizar de semelhante entrega de terrenos. Sabendo que os indígenas estavam descontentes, mais ainda depois de escutarem muitas promessas dos funcionários espanhóis. No outono de 1931 tinham-se declarado vários incêndios e ainda que não existissem provas contra os indígenas, estes nada fizeram para deter as chamas. As povoações nada recebiam do dinheiro que era entregue ao Majzen pelas novas concessões. No incêndio de Larache de 1929, tinha sido o próprio general Emilio Mola (1887-1937), nesse momento comandante geral da zona, aquele que tinha dirigido as forças da população na luta contra o fogo (Vázquez, 1935, 23).

Também estava em jogo o uso das matas. O sobreiro, como a azinheira no sul de França (Ravari, 1981, 57) tinham sido usados desde há muito para o curtimento de peles, num processo que chegava a durar tradicionalmente dois anos. Os couros de pele de cabra de Marrocos, produzidos pelos “Marroquineiros”, eram conhecidos no mundo inteiro, reconhecendo-se-lhes uma qualidade comparável aos de Córdoba, com umas técnicas

---

<sup>19</sup> AGA, 15(14) 64/722

<sup>20</sup> O sultão continuava a ser oficialmente o único legislador do reino.

<sup>21</sup> AGA, 15(14) 64/722

que os franceses tinham descoberto e importado, desde a década de 1680. Uma parte do segredo de fabricação estava relacionado com a crosta do sobreiro no seu uso como agente “tánico” no momento de tratamento das peles, o que daria lugar a uma pele que não apodrece nem encolhe. No norte de África a cortiça do sobreiro, como as folhas de “sumac” ou “galles” de *Tanarix articulata*, eram imprescindíveis para preparar os couros.

O curtimento com casca de sobreiro era relativamente rápida, ainda que transmitisse ao couro uma cor avermelhada pouco apreciada (Menier, 1903, 170). O curtido consistia em guardar as peles de cabra em forma de saco que se enchiam com a água da cozedura da mistura do tanino antes de submergir-las em fossas circulares contendo a mesma solução, por um tempo longo, entre os 24 e 46 meses (Halasz, 2001, 36). Para mais pense-se na simbologia deste ofício para a sociedade do Magreb. As tanerías eram consideradas um lugar catalisador das forças vivas, já que os curtidores libertavam a vida potencial contida numa matéria sem vida aparente, assim eram “mestres da fecundidade”, participando em rituais como bodas ou circuncisões. O ofício teve uma grande importância em Marrocos, na sua forma pré-industrial até bem dentro do século XX, quando o crómio e outras espécies vegetais como a acácia ou o quebracho argentino substituem o sobreiro na sua tentativa de acelerar este processo industrial. Só então os curtidores deixariam de reclamar quantidades imensas de crosta de sobreiro, como as 2.000 toneladas que se calcula terem sido necessárias anualmente a uma pequena oficina em 1914 (Halasz, 2001, 146).

Alguns dos funcionários coloniais, sobretudo aqueles relacionados com a Delegação de Assuntos Indígenas, defendiam que os povoados deveriam ser recompensados de alguma forma quando se regulamentava o seu acesso às cascas dos sobreiros. Os regulamentos deveriam ser alterados, para ficarem mais de acordo com a realidade, não negando a existência da economia do couro. Em Julho de 1934, o delegado de assuntos indígenas propõe que os descascadores, explorassem eles mesmos uma parte das matas públicas, aproveitando uma nova figura, o sindicato. Em Agosto de 1934 surge assim a primeira versão dos estatutos do *Sindicato agrícola de aproveitamentos florestais de Ajmas-Sefli*, sociedade com a finalidade de explorar o sobreiro e os seus produtos, cortiça, casca e carvão. Uma nova colectividade necessária, “*desde el punto de vista político, ya que con ello se podría borrar la mala impresión que conservan todos, por las concesiones hechas dentro de sus propiedades y llevadas al terreno de la explotación, no obstante sus no interrumpidas protestas.*”<sup>22</sup> Mas os silvicultores estavam tranquilos com a sua forma de gestão: “*bien explotar nuestros bosques es resolver el problema económico de la montaña, que es como decir el problema político y de la seguridad, ya que no existe mejor garantía de la paz que el trabajo, ni peor consejera que el hambre [...] ha de conseguirse que la riqueza de nuestras montañas poco aptas por lo general para agricultura, e inmejorables en cambio para el arbolado, se defiendan y aumente, para demostrar en su día que hemos sido dignos de la empresa civilizadora que se nos ha encomendado* (Vázquez, 1935, 27).”

Como se vê, os primeiros trabalhos dos serviços florestais encontraram entraves, foram muito lentos e a frustração muito grande quando se consideravam que poderiam chegar até aos 10.000 hectares, os sobreirais que se acreditavam que se podiam colocar rapidamente em produção. Um valor similar ao qual o serviço florestal francês dirigiu

---

<sup>22</sup> AGA, Caja 15(14) 64/723

por Paul Boudy em Rabat, já tinha nas planícies do Garb e nas estepes de Gued-Zern. O exemplo francês estava muito presente, desta vez na revista *Montes e Industrias*. Mas provavelmente um dos maiores entraves seria a falta de mão de obra qualificada para realizar descorticamentos de qualidade (González, 1945, 65), o que figuras como Robles Truba sabia ser algo fatal. Esta presença de tiradores incompetentes, incapazes de discutir qualidade e rendimentos, podia produzir danos incalculáveis e um rasto de árvores danificadas que nunca mais produziriam pranchas lisas e amplias (Robles, 1933).

## 5. A excursão florestal de 1933. O contacto com Boudy

A segunda República não foi uma boa fase para Elorrieta. Demasiado vinculado à figura de Primo da Rivera, foi separado da Direcção geral de florestas e até da direcção do IFIE. Dedicou então muito tempo a tarefas como a publicação de artigos da revista que ele tinha criado, *Montes e Industrias*. Não perdeu o seu lugar no corpo de engenheiros silvicultores graças à blindagem do mesmo, que normalmente conseguia proteger os seus membros das alterações políticas. Conservando categorias e salários ainda que nem tanto os destinos e cargos.

Em 1933 uma série de engenheiros relacionados com a Divisão Hidrológica Florestal de Málaga (Almagro, Cecilio Susaeta, Palero, Miguel) decidem fazer uma viagem, “metade turística, metade científica”, a Marrocos, à qual se uniu Elorrieta. A primeira parte da viagem coincidiu com uma excursão dos alunos de quarto e quinto ano da escola florestal, acompanhados pelo director (Enrique Mackay) e o professor de transportes (Baró). Em várias ocasiões visitaram montados, o que dá oportunidade a Elorrieta para explicar a situação da sua gestão, especialmente sobre o mais importante do Marrocos francês: La Mamora. Elorrieta também estava impaciente para encontrar-se com o director dos serviços florestais (SF) da parte francesa, Paul Boudy, figura emblemática dos SF de Marrocos. Boudy havia estado em Madrid em Maio de 1930, para uma das reuniões do grupo Silva Mediterranea (Fig. 2).



Figura 2 Alguns dos engenheiros europeus que estiveram com Boudy em Espanha em 1930: Miguel del Campo, Pardé, Hickel, Guinier, González Vázquez, Pavari. *La Voz*, 12.5.1930, p3.

Boudy tinha sido o grande responsável do regulamento florestal do Marrocos francês, publicado em Outubro de 1917, colaborando atentamente com os serviços jurídicos do serviço de assuntos indígenas. Se por um lado uma parte do texto se apoiava nas normas implementadas na Argélia, por outro existiu uma atenção ao introduzir alguma diferenciação; um regulamento mais simples e menos rígido no que diz respeito às multas e castigos. Querendo-se evitar os muitos conflitos vividos na colónia vizinha, respeitariam-se muito mais os "droits d'usage" pois os nativos subsistiam graças aos produtos como as bolotas do sobreiro ou o gado. Os serviços de assuntos indígenas insistiam nos seus relatórios que era necessário respeitar estes usos tradicionais se se



quisesse evitar "situações explosivas" por muito que a zona já estivesse pacificada. Em cada mata se organizariam comissões, onde os florestais deveriam negociar com os técnicos dos serviços indígenas, fixando entre outras questões, o numero máximo de animais que poderiam pastar por hectare (em Mamora seriam dois cada três hectares em 1922). Este tipo de medidas ajudou a que a taxa de incêndios chegasse a ser doze vezes menor em comparação com a da Argélia.

Boudy conhecia bem o sul de Espanha, pois foi lá que encontrou a solução para os problemas de mão de obra que faltava para a tiragem da cortiça, especialmente durante a Primeira Guerra Mundial. Fizeram chegar 300 tiradores andaluzes, através de contractos assinados com empresários como Sebastián Corrales o Juan Flores. Se num primeiro momento existia um objectivo de colocar em produção um milhão de sobreiros, graças aos trabalhadores espanhóis, em 1916, pelo menos já se tinham alcançado as 350.000 árvores (Boudy, 1949, 271; Puyo, 2014).

Assim, após atravessar o protectorado Espanhol, o grupo de Elorrieta chegou a Rabat onde conheceu os escritórios dos SF franceses (Fig. 3). Neles, além de Boudy, cumprimentou-se um naturalista, Louis Emberger (1897-1969). Este era um dos responsáveis das novas ideias que Luis Ceballos e Elorrieta tinham levado a Espanha através do IFIE. O botânico francês permaneceu em Marrocos entre 1923 e 1935, estudando a flora da zona com tanto detalhe “ *que a necessidade de grandes sínteses se tinha tornado necessárias*” (Sauvage, 1970, 7). Desde 1930 mostrou que para entender a distribuição das grandes formações vegetais será necessário separar a noção de andar (*étage*) do seu conceito de altitude, dando um valor bio-climático mais geral. Os seus artigos sobre a formula climática e a definição de andares bio-climaticos tiveram impacto internacional. Com a nova ferramenta, era possível explicar melhor a variedade das paisagens de Marrocos, onde as teorias utilizadas ate ao momento davam lugar a contradições e casos ilógicos.



Figura 3. Os montados do Marrocos Francês (Pouillaude 1952). As manchas pretas indicam zonas povoadas por *Quercus suber*, agrupadas principalmente em quatro zonas principais de riqueza corticeira florestal.

Elorrieta elogiou a instalação dos SF; "esplêndida e de muito bom gosto", fora da medina, onde se podiam contemplar objectos, telas, pinturas e troncos de árvores que se tinham exposto na Exposição Colonial de Paris de 1931. O espanhol, que tinha planeado a politica florestal nacional apenas uns anos antes, estava curioso por conhecer em primeira mão o que os franceses haviam implementado nessas matas de clima

mediterrâneo. Uma Direção geral de Aguas e florestas que se tinha estabelecido em 1913 com vários objectivos: Reconhecer e inventar as matas à medida que se ia pacificando o território; Valorizar (ordenar), melhorando a produção daqueles que se revelavam aptos. Os SF não tinham relação hierárquica com os da Metrópole nem com os da Argélia. O território tinha-se dividido em três circunscrições (Distritos florestais), agrupados em três Inspecções gerais (Arrondissements o Conservations). Segundo Elorrieta, eram massas florestais que suponían *"los restos del inmenso alcornocal costero que se extendía desde Casablanca a Larache, con una profundidad de 50 kilómetros. Es la región del alcornoque, que todavía conservaba buenas masas, como la de La Mamora, en la que gracias a los ingresos que proporciona se han podido iniciar grandes mejoras."* Como recursos humanos, os SF contavam com 735 pessoas, entre as quais existia: um Director geral (Inspector geral), um Conservador (Inspector chefe de Arrondissement), um Inspector provincial (chefe de Arrondissement), 5 Inspectores, 6 Inspectores adjuntos, 11 alunos engenheiros, 230 guardas florestais franceses e 303 indígenas.

Elorrieta tomou nota de como se tinham iniciado a penetração florestal neste território. Primeiro constavam os ensinamentos da experiência argelina, desde a década de 1840, assim como a presença de uma boa figura política, a do general Lyautey, conhecedor *"de las necesidades y costumbres y a la vez protector e impulsor de los servicios científicos y técnicos del pueblo marroquí."* favorecendo assim a livre circulação dos florestais. Por outro lado *"indudablemente, y de un modo decisivo, el éxito final corresponde al tacto y a la ciencia de Boudy"* (Elorrieta, 1933). Uma experiência com lições não só para o protectorado Espanhol, senão *"para España misma, dentro de la que aún existen problemas de orden social y administrativo en la esfera forestal que se parecen en todo a los de Marruecos, y los tropiezos y dificultades que se hallan en sus comienzos, son idénticos."* As matas uma vez pacificadas as zonas, eram colocados pelos engenheiros *"en pie de producción, encauzando con jornales y beneficios a los dañadores de aquéllos, cosa nada fácil en muchos sitios."* A densidade populacional era elevada, assim como as indústrias rurais, tal como a da curtimenta. Esta actividade para conseguir taninos, necessitava da crosta de espécies como o sobreiro; mobilizando-se para tal berberes nómadas que deixavam a massa de sobreiros *"reducidísima y en deplorable estado y la del pino de .Alepo casi ha desaparecido del todo."* Pastorícia e incêndios encerravam esta obra de destruição. Uma estratégia foi ocupar esses mesmos nómadas em trabalhos florestais, como a construção de vias de terra batida (pistas forestales), os repovoamentos, o decepamentos, roçadas entre duas terras, etc.

Boudy teve que resolver a questão dos destroços dos descascadores, que trabalham para os curtidores das cidades como Rabat ou Salé. Nas palavras de Boudy, *"Rien n'était lamentable comme la vision de ces cantons écorcés, couverts d'arbres morts sur pied, auxquels leur écorce subéreuse blanchâtre donnait un aspect fantomatique"* (Boudy, 1949, 225). Por onde eles passavam a floresta desaparecia em dois ou três anos. Durante a Primeira Guerra Mundial, 70.000 sobreiros desapareceram anualmente desta maneira. Para deter o desastre, Boudy conseguiu reorganizar os carvoeiros e descascadores, deixando a estes últimos os pés mutilados e inadequados para o trabalho da cortiça, ou os pés já descortiaçados e destinados a secarem em pé.



## 6. A visita ao maior montado do mundo : La Mamora

Um dos grandes objectivos da viagem de 1933 era o de conhecer La Mamora, que significa “A florescente”, o montado mais grande do mundo (Metro, 1947; Sampaio, 1984; Montoya, 1987; Montoya, 1987b). Trata-se de um planalto arenoso com 40 km de largura e 60 km de comprimento (Fig. 4), o que equivalia ao dobro do conjunto de todos os montados de Tunes ou da metade de todos os de Argélia (Boudy, 1916, 220).

Situado as portas de Rabat e de Salé, era até à chegada dos franceses em 1914, uma mata sombria, onde desapareciam 100.000 sobreiros ao ano e estavam presentes um milhão de árvores "arruinados ou decrépitos" (Natividade, 1950, 77). A zona alimentava 50.000 cabeças de gado vacum e 100.000 de ovino e caprino. Era na sua parte oeste, "un cementerio de árboles viejos, y después de grandes esfuerzos y empleando en reparar los árboles enfermos, degradados y destrozados a los mismos descortezadores, a la vez que se desbornizaba todo lo necesario, se recorrió en pocos años el monte entero, y hoy llaman los franceses a este hecho «le sauvetage de La Mamora»". Os espanhóis fizeram a visita em automóvel, já que a enorme massa florestal que dava a sensação de ser um enorme parque contava com 130.000 hectares. Os carros podiam circular pelas pistas de corta-fogo, limpas de troncos e matagal. Estas pistas eram parte da luta contra os incêndios, tendo-se quadriculado todo o monte com ruas de 30, 20 e 10m de comprimento para um total de 440 km de pistas. Existindo também torres metálicas para vigiar os incêndios, onze no total, comunicadas por 140 km de fio telefónico, o que Elorrieta já tinha conhecimento que também se fazia nos pinhais de Leiria, em Portugal.<sup>23</sup>

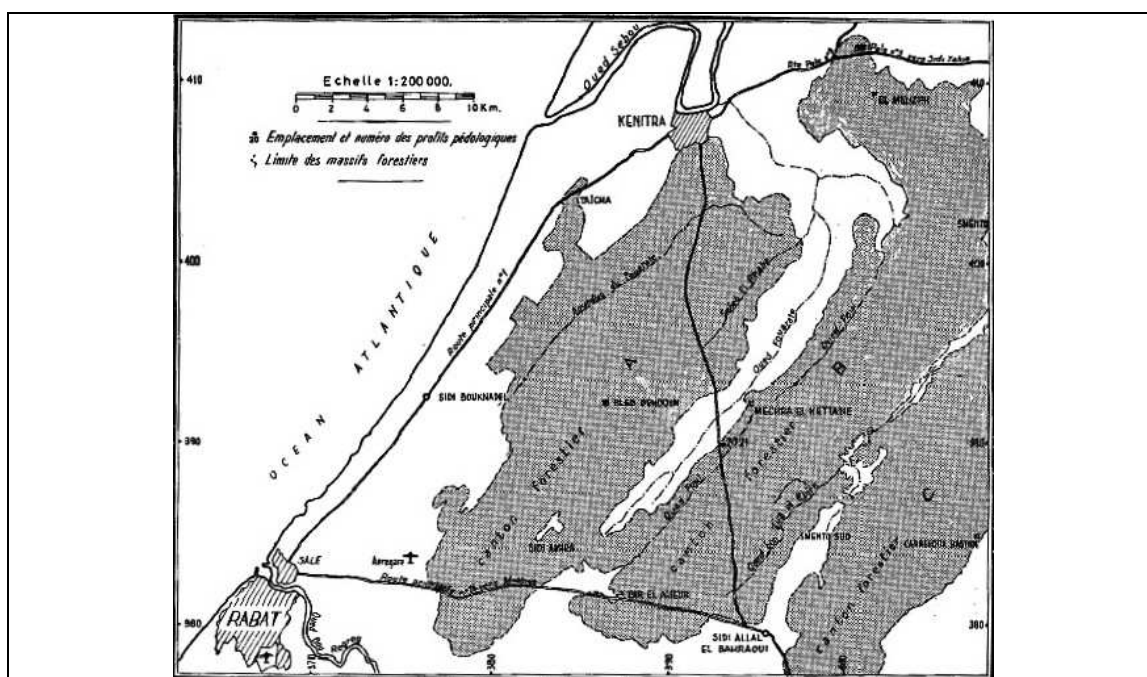


Figura 4. Mapa da La Mamora (Lepoutre 1967). As manchas cinzentas indicam a presença de montado e floresta.

Elorrieta assinalou que a vegetação era levemente diferente do montado de Larache, onde podia crescer o mato de fetos graças a uma maior pluviosidade, com urze e

<sup>23</sup> Elorrieta também estava muito atento a política florestal de Portugal. Em 1921 enviou um estudante para durante vários meses estudar os serviços florestais lusos (Terrero, 1921)

medronho tal como em alguns pontos da província de Cádiz. Na La Mamora, mais meridional, se bem que o substrato também era arenoso, a água da chuva era inferior a 500 mm. anuais e o mato desenvolvido destacava-se mais pelos cistus, as retamas e as genistas. Se no solo existiam argilas, como nas terras negras de Algeciras, abundava mais o lentisco. Descrições valiosas para um leitor de Cajander, pois eram estes matos, os que davam informação valiosa aos engenheiros, até ali ignorada e que segundo Elorrieta se deviam a partir dali começar a incorporar nos inventários dos projectos de ordenamento florestal.

O projecto de ordenamento de La Mamora indicava que se devia realizar corte contínuo (coupe à blanc) cada 72 anos para assegurar a regeneração (Lepoutre, 1967, 5). O grupo de espanhóis viu ao vivo os efeitos do primeiro "sauvetage"; uma grande zona decepada "*a mata rasa, y que denotaba ya unos nuevos y vigorosos brotes que habrían de regenerar aquel alcornocal.*" Os engenheiros espanhóis já tinham praticado o mesmo método, não só na Gaba de Larache, como também nos primeiros ordenamentos de sobreiros em Gaucín e em Cortes de la Frontera. No entanto, havia especialistas, como o português Joaquim Vieira Natividade, que se mostravam cépticos com tal sistema; pensavam que recorrer dessa maneira não oferecia soluções definitivas,<sup>24</sup> devido a fragilidade das massas florestais assim criadas (Natividade, 1950, 77).

Elorrieta não deixa de elogiar Boudy, pelos seus métodos simples, mas eficazes; "*Recepar los tramos, evitar los incendios, combatir las enfermedades. ¡He ahí tres medidas prácticas que las tres se traducen en un aumento de la producción!*" Começar unicamente com um pouco de "orientação prática", seria o correcto "*dejar obrar a las fuerzas naturales, dirigiéndolas sabiamente y actuar en la medida que una práctica sancionada y derivada de hechos conocidos permite, para poner aquellos restos forestales de masas anteriores, en condiciones de que rindan en el más breve plazo posible, es un acierto e indica un carácter. [...] ¡Cuántas veces se retrasa el progreso de un país, por no querer aplicar normas simples, derivadas del conocimiento directo del mismo y empeñarse en imponer elucubraciones y teorías obtenidas de los libros o de los resultados de otras regiones que en nada se parecen a la en que se trabaja! Ese es gran mérito, y ese lo tiene el servicio forestal francés marroquí bajo la dirección de Mr. Boudy* (Elorrieta, 1933, 5)."

### **Comentários finais**

Esta viagem de 1933, assim como a sua crónica, coincidem com a primeira fase de uma iniciativa internacional chamada Silva Mediterránea (García-Pereda & Gil, 2009). Tratando-se de um grupo de silvicultores que se tinham reunido oficialmente pela primeira vez em Florença, em 1924 e que até ao falecimento de Robert Hickel (1861-1935) e ao começo da Segunda Guerra Mundial pôde partilhar uma série de experiências técnicas, graças às suas assembleias e publicações. Elorrieta não pôde assistir à reunião realizada em Espanha em Maio de 1930,<sup>25</sup> "por razões que não quero

---

<sup>24</sup> Vieira Natividade mantém estas mesmas opiniões quando visitou os montados de Cortes de la Frontera (Natividade, 1951).

<sup>25</sup> *Ligue Forestière Internationale Méditerranéenne : boletim extraordinário por motivo da reunião em Madrid*, Madrid, Tipografia Artística, 1930

recordar”,<sup>26</sup> mas que em 1933 já tentava que novas reuniões fossem organizadas, tendo o estudo sobre o sobreiro como tema principal de “*un congreso forestal mediterráneo. El aspecto botánico, las formas de masa, puras y mixtas, la repoblación natural y artificial, y desde el punto de vista económico, la espesura de las diversas edades, la ordenación, las podas, el corcho y sus calidades, posibilidad mundial, repartición de producción, aplicaciones, estímulos para novedades de productos de la dehesa, la industria del corcho, etc., etc.*” Além dos congressos florestais internacionais, como o que se celebrou em Roma em 1926, tiveram lugar congressos internacionais da cortiça nos anos 30, como os realizados em Lisboa em 1932 e em Madrid em 1934.<sup>27</sup>

Inclusive, em Portugal havia-se inaugurado uma Estação experimental do sobreiro, em 1930, em Alcobaça, centro de foi dirigido durante duas décadas pela grande figura da subericultura internacional: Joaquim Viera Natividade (1899-1968). Neste país, também se desenvolveu um organismo denominado “Junta Nacional da Cortiça”, em 1936, encarregado de regular o sector corticeiro nacional depois dos problemas vividos com a crise de 1929. Foram duas instituições chave no momento de preparar o sector corticeiro luso para que passasse a liderar o sector europeu, depois da mudança brusca vivida em Espanha com o estalar da Guerra Civil em 1936 (García-Pereda, 2014). Viera Natividade esteve sempre muito atento, como Elorrieta, às últimas novidades da ciência florestal internacional, visitando em vários momentos zonas corticeiras como a de Cádiz (Natividade, 1951), ou recebendo em Alcobaça engenheiros de primeira linha como Louis Saccardy (1901-1964) e Salvador Robles Trueba (Saccardy, 1938).

É neste contexto que se deve inscrever a viagem de Elorrieta de 1933. A esperada conferência corticeira de Málaga de 1935 não se chegou a celebrar da maneira por ele prevista, e muito menos o IFIE teve tempo de desenvolver uma secção de estudos corticeiros, como tinha desde os inícios do instituto uma secção sobre os estudos de resina (Elorrieta, 1932). Que balanço podemos então fazer da crónica de Elorrieta sobre sua viagem a Marrocos? Para começar, há que referir que os trabalhos do serviço florestal no Marrocos Espanhol merecem um julgamento muito menos agressivo daquele tem recebido até há pouco tempo (Villanova, 2008). Estes funcionários coloniais também contavam com recursos muito limitados, numa época em que o mercado de produtos florestais mediterrâneos mudava de uma maneira muito rápida, sofrendo repetidas crises. Conseguiram deter os danos que as indústrias “tradicionais” como a do couro estava provocando nas massas florestais, dando hipótese ao surgimento de um sector mais moderno com um desenvolvimento mais sustentável. Por outro lado, estas viagens e os seus relatos são provas das redes de contactos técnicos e científicos formadas entre silvicultores do mundo mediterrâneo. Compartilhavam problemas técnicos, productos emblemáticos como o corticeiro e que ainda aproveitavam muitas das ocasiões para se encontrarem e partilharem experiências. A fronteira entre os protectorados de Espanha e França era mais permeável que aquela formada pelos Pirenéus.

---

<sup>26</sup> Em Outubro de 1930 foi nomeado director geral das Florestas Antonio Gotor Cuartero (1877-1951). Elorrieta tinha sido demitido em Fevereiro de 1930.

<sup>27</sup> *La Libertad*, 29/5/1934, p. 2 ; *Luz*, 29/5/1934, p. 10.

## Bibliografía

Alarcón, Pedro Antonio, 1859, *Diario de un testigo de la guerra*, Madrid, Imprenta de Gaspar y Roig.

Amor y Mayor, Fernando, 1859, *Recuerdos de un viaje a Marruecos*, Sevilla, Imprenta de La Andalucía.

Araque Jiménez, Eduardo, 2009, La contribución de los montes del Protectorado español del norte de Marruecos al abastecimiento ferroviario de madera, *Eria*, n.78, 5-20.

Artigas, Primitivo, 1882, *Liga de repobladores de Argelia*, *Montes*, n. 130, 297-300.

Ballabriga y Villadier, A., 1917, Alcornoques de Marruecos, *Montes*, n. 974, 593-599.

Baró, Fernando, 1913, Notas sobre las prácticas de Semana Santa, *Montes*, n. 870, 280-289.

Bey, Ali, 1814, *Voyages d'Ali Bey el Abbassi en Afrique et en Asie pendant les années 1803, 1804, 1805, 1806 et 1807*, Paris, Imprimerie de Didot.

Boudy, Paul, 1916, Les forêts du Maroc, En, *Conférence Franco-Marocaine : Exposition franco-marocaine de Casablanca*, 220-240.

Boudy, Paul, 1949, *Économie forestière nord-africaine*, Paris, Larose.

Cañete, Carlos, 2011, La búsqueda de una Atlántida. Breve historia del paradigma africanista español, *Historia Antropología y fuentes orales*, n. 45, 140-160.

Casals, Vicente, 1999, La política forestal en Chile: Una perspectiva histórica, *Scripta Nova: Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, n. 3(45).

Ceballos, Luis & Martín Bolaños, Manuel, 1928, *El abeto de Marruecos: una excursión al monte Magó*, Madrid, Real Sociedad Española de Historia Natural.

Elorrieta, Octavio, 1932, El Instituto Forestal de Investigaciones y Experiencias de España, *Bulletin de Silva Mediterranea*,

Elorrieta, Octavio, 1933, Un viaje a Marruecos, *Montes e Industrias*, n. 28, 83-97.

Elorrieta, Octavio, 1934, Añoranzas, *Montes e Industrias*, n. 29, 16-19.

Elorrieta, Octavio, 1934b, Repoblación Forestal, *El Sol*, 28 de noviembre, p1.

Emberger, Louis, 1928, L'Importance du chêne-liège dans le paysage marocain avant la destruction des forêts, *La Revue de Géographie Marocaine*, n. 7, 121-124.

García-Pereda, Ignacio, 2009, *Junta Nacional da Cortiça (1936-1972)*, Lisboa, Euronatura.

- García-Pereda, Ignacio, 2011, *Mujeres Corcheras*, Lisboa, Euronatura.
- García-Pereda, Ignacio, 2013, *Dictionnaire Illustré du Liège*, Perpignan, Trabucaire.
- García-Pereda, Ignacio, 2014, Cork and Propaganda, The Portuguese Cork Board and the 1937 Paris World Fair, *Llámpara: patrimonio industrial*, n. 64, 28-35.
- García-Pereda, Ignacio & Gil, Luis, 2009, Ezequiel González Vázquez (1884-1961) y las Redes Internacionales Forestales, *Cuadernos de la Sociedad Española de Ciencias Forestales*, n. 30, 229-233.
- Garrido Almonacid, Antonio, 2011, *La intervención forestal en el protectorado de Marruecos*, Universidad de Jaen, Tesis doctoral.
- González Bueno, Antonio & Gomis, Alberto, 2005, Spanish naturalists and natural history societies in the process of colonisation in Morocco (1859–1912), *Archives of natural history*, n. 32 (1), 80–91.
- González Bueno, Antonio, Jerez Basurco, Cristina & Rodríguez Nozal, Raúl, 1997, Naturalistas en una sociedad militar: el estudio de la Naturaleza en el Protectorado español en Marruecos (1908-1927), en *III Congreso Internacional de Historia Militar : actas*, 589-595.
- González Vázquez, Ezequiel, 1929, Los forestales no se jubilan, *España Forestal*, n. 153, 3.
- González Vázquez, Ezequiel, 1945, *Marruecos forestal*, Madrid, Ediciones Técnicas.
- González Pérez, Vicente, 1994, Notas sobre la colonización agrícola en el Protectorado de España en Marruecos, *Sharq Al-Andalus: Estudios mudejares y moriscos*, n. 10, 423-452.
- Guinier, Philibert, 1958, Paul Boudy (1874-1957), *Revue Forestière Française*, n. 3, 219-222.
- Halasz Csiba, Eva, 2001, *Le cuir à fleur de peau*, Paris, Adam Biro.
- Hickel, Robert, 1930, Le congrès de Madrid, *Bulletin de Silva Mediterranea*, Vol. 5, décembre.
- Huffel, Gustave, 1910, *Économie Forestière*, Paris, Laveur.
- Iriarte-Goñi, Iñaki, 2009, La obra de Octavio Elorrieta (1881-1962). El monte al servicio de la economía, *Historia Agraria*, n. 48, 133-159.
- Jordana, José, 1881, Notas forestales de la Argelia, *Montes*, n. 116, 525-534.

Laguna Máximo & Satorrás, Luis, 1861, Memoria de reconocimiento de los montes de Sierra Bullones pertenecientes á España, *Boletín del Ministerio de Fomento*, tomo 38, 149-189.

Lepoutre, Bernard, 1965, Régénération artificielle du Chêne-liège et équilibre de la subéraie en forêt de la Mamora, *Annales de la Recherche forestière du Maroc*, n. 9, 7-187.

López Ontiveros, Agustín, 2008, El viaje a Marruecos de Don Fernando Amor y Mayor en 1859, *Revista de Estudios Regionales*, n. 83, 317-374.

Martí Henneberg, Jordi, 1982, E. Huguet del Villar (1871-1951) en la Ciencia Española Contemporánea, *Llull: Revista de la Sociedad Española de Historia de las Ciencias y de las Técnicas*, n. 8, 77-86.

Mas Guindal, Joaquín, 1933, *Plantas medicinales e industriales del Marruecos español*, Ceuta, Imprenta África.

McClellan, James. E. & Regourd, François, 2000, The Colonial Machine: French Science and Colonization in the Ancien Regime, *Osiris*, n. 15, 31-50.

Menier, Louis, 1903, *La tannerie*, Paris, Gauthier-Villars.

Métro, André, 1947, Note sur le liège au Maroc, *Révue des Eaux et Forêts*, mars, 137-149.

Michel, Nicolas, 1997, *Une économie de subsistance. Le Maroc précolonial*, Le Caire. Ifao.

Montoya, Miguel, 1987, Mamora: el mayor alcornocal del mundo, *Montes*, n. 17, 64-65.

Montoya, Miguel, 1987b, Aménagement sylvopastoral de la suberaie de la Mamora (Maroc), *Forêt Méditerranéenne*, n. 9(1), 35-40.

Muñoz, Juan José, 1910, La traslación de la escuela de montes, *Revista de Montes*, n. 813, 721-736.

Nájera, Fernando, 1930, *La Guinea española y su riqueza forestal*, Madrid, IFIE.

Natividade, Joaquim Vieira, 1950, *Subericultura*, Lisboa, Ministério da Economia.

Natividade, Joaquin Vieira, 1951, Sobreirais do Sul e do Sudoeste de Espanha, *Boletim Cortiça*, n. 57, 3-209.

Pedraz Marcos, Azucena, 1994, El pensamiento africanista hasta 1883. Cánovas, Donoso y Costa, *Anales de la Fundación Joaquín Costa*, n. 11, 31-48

Perejón, Antonio, 2012, Fernando Amor y Mayor (1823?-1863), nuevos datos para su biografía y análisis de las aportaciones geológicas de su obra, *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural. Sección geológica*, 106(1), 53-84

- Pérez-Urruti, Juan Antonio, 1930, Las concesiones de los alcornoques hispano-marroquíes, *Revista Corchera*, n. 13, 1-4.
- Puyo, Jean-Yves, 2014, Les suberaies marocaines sous le protectorat français (1912-1956), *Forêt Méditerranéenne*, 35(1), 67-80.
- Ravari, Georges, 1891, *Histoire et techniques des métiers du cuir*, Roucatel. Graulhet.
- Rivet, Daniel, 2002, *Le Maghreb à l'épreuve de la colonisation*, Paris, Hachette.
- Robles Trueba, Salvador, 1933, Extemporaneidad y deficiente ejecución de descorches, *Montes e Industrias*, n. 35, 283-287.
- Robles Trueba, Salvador, 1961, Sobre el porvenir de los alcornoques españoles, *Montes*, n. 100, 393-396.
- Saccardy, Louis, 1938, Le Chêne-Liège et le Liège en Algérie, *Révue de botanique appliquée et d'agriculture coloniale*, Vol. 18, n. 205, 574-593.
- Sala, Pere, 2003, *Manufacturas de Corcho SA (antiga Miquel & Vincke) Líder de l'exportació industrial espanyola (1900-1930)*, Palafrugell, Museo del Suro.
- Sampaio, Jaime Salazar, 1984, Marrocos: o sobreiro e a cortiça, *Boletim do Instituto dos Produtos Florestais*, n. 543.
- Santos, José Emilio, 1875, Ángela María, *Revista Europea*, n. 81, 401-406.
- Sauvage, Charles, 1971, Louis Emberger (1897-1969), son œuvre marocaine, *Bulletin de la société des sciences naturelles et physiques du Maroc*, n. 51, 3-11.
- Tauler Servia, José, 1931, La industria corcho-taponera y la propiedad alcornocal», *Montes e Industrias*, n. 6, 112-113.
- Terrero, Diego, 1921, *Organización económico-forestal de Portugal*, Madrid, Artes de la Ilustración.
- Torner de la Fuente, Jorge, 1926, *Nota comunicación sobre la historia de la creación del Servicio Forestal en España*, Cuenca, Talleres Tipográficos Velasco.
- Valle Pantojo, Agustín, 2004, Apuntes sobre la elaboración del cuero y su historia: Noticias sobre una fábrica de curtir pieles en Algeciras, *Eúphoros*, n. 7, 21-34.
- Vázquez del Río, Manuel, 1935, *Arbolado y bosque en Marruecos*, Ceuta, Tip. M. Alcalá.
- Vermeren, Pierre, 2010, *Histoire du Maroc depuis l'indépendance*, Paris, La Découverte.

Villanova, José Luis, 2008, Repercusiones medioambientales de la acción colonial española en el Norte de Marruecos (1912-1956), en, *Questions environnementales dans les montagnes rifaines (Maroc)*, 9-44.